



Musa paradisiaca é um projeto artístico-discursivo (nascido em 2010) de Eduardo Guerra e Miguel Ferrão. Fundado em parcerias temporárias com entidades individuais e coletivas de variadas competências, o projeto assume formas diferentes, ancorado na prática discursiva. Pretende desta forma construir gradualmente uma família pensadora, revelada por muitas vozes.

Eduardo Guerra e Miguel Ferrão nasceram em 1986 em Lisboa, onde vivem e trabalham. Eduardo Guerra obteve a Licenciatura em Escultura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa e o Mestrado em Estética pela Universidade Nova de Lisboa em 2012. Miguel Ferrão obteve a Licenciatura em Pintura pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa em 2008 e o Mestrado em Filosofia-Estética pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, em 2011. Em 2010 participaram com projetos individuais no Prémio BES Revelação e foram finalistas do Prémio EDP Novos Artistas 2013, já como *Musa paradisiaca*. Exposições coletivas recentes incluem *Novo Novo México*, Palha de Abrantes, Abrantes (2013), *A Entrevista Perpétua. Ana Jotta: Diálogo com outros artistas na coleção de Serralves*, Porto (2013), *Apesar de tudo, nunca se sentia só ou triste, o futuro fazia-lhe companhia ou Le petit Lenormand (cartomancia e probabilidade)*, Galeria Vera Cortês, Lisboa (2013) e *Tem calma o teu país está a desaparecer*, Galeria Zé dos Bois, Lisboa (2012). Dos seus projetos individuais recentes destacam-se *Comissão de almas*, Palácio Foz, Lisboa (2014), *Como se apanha um fugitivo?*, Ciclo de performance, CAM, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa (2013), *Tarefas impossíveis (O Criado do Cenáculo)*, Chantiers d'Europe, Palais de Tokyo, Paris (2013), *Auto da emulação*, Cinemateca Portuguesa, Lisboa e *Tiro à gota*, Old School, Lisboa (2012).

Eduardo Guerra e Miguel Ferrão agradecem ao Ecomuseu Municipal do Seixal — Fábrica de Pólvora de Vale de Milhaços e, em especial, a Graça Filipe e Francisco Moura.

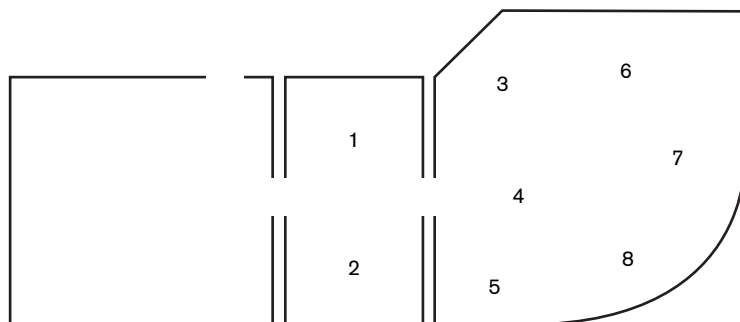
Gostariam igualmente de salientar o apoio da Galeria 3+1 Arte Contemporânea, fundamental para a concretização deste projeto.

MUSA PARADISIACA

AUDIÇÃO DAS MÁQUINAS

10.05. - 28.06.2014

Avenida da Liberdade 211 - 1º esq
1250-194 Lisboa, Portugal
www.kunsthalle-lissabon.org / info@kunsthalle-lissabon.org



1. *Jericã—camelo*, 2014
Breu pintado
27 x 15 x 23 cm

2. *Cifão*, 2014
Breu pintado
45 x 15 x 6 cm

3. *Pesos New Fit*, 2014
Breu pintado
26 x 26 x 65 cm

4. *Pau—mão*, 2014
Breu pintado
38 x 8 x 9 cm

5. *Couve*, 2014
Breu pintado
13 x 13 x 7 cm

6. *O sono de Francisco*, 2014
Breu pintado
33 x 32 x 45 cm

7. *Corda*, 2014
Breu pintado
32 x 35 x 9 cm

8. *Flauta*, 2013
Breu pintado
50 x 3 x 3 cm

entre o corpo dormente e o corpo calado seria, por exemplo, a falta de ar causada pela fadiga ou pela falta de combustível. Quando o corpo não anda, também não fala e acaba por adormecer. Quem acredita na vigília sem ter fechado os olhos pelo menos uma vez?

O que sonha quem não pode fechar os olhos? E poderá dormir, sem fechar os olhos?

Sonha o que vê quem sonha acordado — uma parte do que já trazia consigo e outra do que está à mão. Só se brinca à mão dormente porque a morte sempre foi demasiado apetecível para os vivos. Quanto a dormir sem fechar os olhos, é inevitável que aconteça.

⁶ *Terá a brincadeira ido longe demais?*

O homem da máquina é a própria máquina, no fim do dia de trabalho. A sua ligação está precisamente onde se separam. Enquanto um cuidar do outro, nem a distância os atormenta.

Quem é de quem? O “ser da” é “sê-la”. A posse, ou pertença, se preferirem, convoca um estado específico de consciência no qual o possuidor se configura como a coisa possuída. O sujeito a desejar redundar em objeto.

Ora, nem mais. Mas e o que desejará o próprio objeto?

³ *O que quererá exatamente dizer a voz da ameaça?*

À semelhança da voz da dúvida, a voz da ameaça também responde em diferido. Ou seja, nunca sabe no que se tornar, apenas sabe que se quer tornar. Não é de estranhar, assim, que a voz da ameaça responda sempre com visões de transubstanciação.

Pode a ameaça falar como um pedido?

Com frequência. Se se ameaça quando afinal se queria pedir ajuda, por exemplo. E o mesmo acontece com os objetos, as plantas e os animais, quando indiciam uma ação antes mesmo desta acontecer. Repara, antes de cair, um objeto tende a inclinar-se; ou uma planta que, antes de crescer em força, se ajeita, apontando a direção para onde vai; ou mesmo um animal que, antes de desferir um golpe, se inclina ou retorce um pouco.

⁴ *Como responder à voz de um pedido?*

Responde-se com a vontade de reconhecer as qualidades de vivo naquilo que não o está; como um hábito pelas qualidades das coisas. Dito isto, a máquina nada mais é que um corpo de sangue e fumos, que respira e grita quando quer. De outra forma, quando o vento bate no enforcado e ele se move, restituem-se-lhe momentaneamente as suas qualidades de vivo, por outra via.

Pode um pedido falar como uma dúvida?

Se quer o pedido, quer a dúvida, existem como demonstrações de honestidade, porque reconhecem determinada falta, um pedido pode mesmo esclarecer sobre determinada dúvida que o antecede. Neste caso, as coisas que pedem para estar vivas talvez estejam apenas a reconhecer que não sabem se estão mesmo mortas.

⁵ *Se brincar à mão dormente é brincar à morte própria, que brincadeira acontece quando a voz adormece?*

Falamos sempre de um corpo, aqui. Quando a voz descansa, repousam as cordas vocais e o diafragma volta ao ritmo habitual. O equivalente possível

A Kunsthalle Lissabon apresenta *Audição das máquinas*, uma exposição individual da *Musa paradisiaca* (Eduardo Guerra e Miguel Ferrão), patente de 10 de maio a 28 de junho de 2014. *Audição das máquinas* existe em paralelo com a exposição *Audição das flores*, apresentada pela 3+1 Arte Contemporânea de 16 de maio a 28 de junho de 2014.

Em *Audição das máquinas* e *Audição das flores*, *Musa paradisiaca* apresenta dois conjuntos de objetos, organizados em duas famílias distintas, ainda que relacionadas entre si, como cosmologias. Cada cosmologia, reunida sob um ponto de vista, ora das máquinas, ora das flores, resgata as qualidades de cada objeto para a sua discussão. Que qualidades tem cada objeto e de que modo tais qualidades informam o ponto de vista apresentado? Que transformação opera cada objeto no conjunto a que pertence e como se altera por pertencer a cada um dos conjuntos? Máquinas e flores são dois limites de um mesmo problema: a necessidade de adequação entre as formas ou a necessidade das formas que se adequam, que assinam em conjunto. A cada conjunto, sua assinatura, a cada assinatura, o seu modo de existência.

Fundidos em breu pintado, os objetos apresentados nas duas exposições pertencem à série *Aumentário*, iniciada pela *Musa paradisiaca* em 2013.

Audição das máquinas¹

Há já vários dias que dizia não saber o que fazer². Para além da sua rotina habitual, de ter de lidar com coisas paradas que, ou por consumo desenfreado ou por excedente energético, se movem, digere agora um novo problema; teria visto um corpo morto há mais ou menos duas semanas - um pobre coitado que dizem ter já ameaçado³ o suicídio. Seriam portanto duas semanas de pensar em coisas que estando paradas lhe pedem⁴ para estar vivas.

- Repara: quando era pequeno costumava “brincar à mão dormente”!
Falamos do mesmo?
- “Mão dormente”?
- Sim, costumávamos sentar-nos em cima da mão ao ponto de perder toda a sensibilidade, até ficar dormente, depois, era como se por dois minutos ou assim, a mão não fosse nossa.
- Brincavam à morte?
- Brincávamos à morte própria.⁵

Ele adivinhava agora, em todos os cantos, sinais de um corpo que conhecera em movimento e que parecia hoje não se poder mexer mais. Começava a alimentar o medo de não conseguir pôr a mexer a sua própria máquina.⁶

¹ *O que ouvem as máquinas? Quem ouve as máquinas? Entre escutar (ouvir as que falam) e ser escutadas (falar para as que ouvem), estas máquinas adquirem simultaneamente, através da sua voz, o estatuto de sujeitos e objetos.*

Tudo gira em torno da máquina, até que a máquina gira em torno de si própria e tudo se torna máquina. Não que as coisas sejam máquinas, mas antes, que as qualidades de máquina se manifestem nas coisas e na nossa relação com elas. Não como num fazer de, mas antes num ser-se. As máquinas foram chamadas a prestar o seu depoimento e, para isso, fazem-se apresentar por sujeitos em quem confiam.

As máquinas confiam em determinados sujeitos enquanto veículos do seu testemunho, assumindo nós que o depoimento por procuração não inviabiliza a confissão, mas confiariam igualmente em objetos específicos para executar tal mandato?

Ao confiar, as máquinas estão a emprestar as suas próprias qualidades e a pedir aos objetos-sujeitos que sejam o mais fiéis possível à sua condição de máquinas. Ou seja, pedem-lhes que, mesmo estando parados, pareçam dispostos a ganhar movimento (e a depor). Contudo, nunca saberemos se serão capazes ou não de defender o ponto de vista necessário.

² *Como ouvir a voz da dúvida?*

Quando acompanhada por visões a dúvida é ainda mais certa. Ou seja, não se sabe ao certo de que dúvida se fala, mas antes da certeza de que esta existe. Não é de estranhar, assim, que a voz da dúvida responda sempre com visões de certeza.

Pode a dúvida falar como uma ameaça?

Pode sempre. Se hesitarmos antes de nos deitarmos, damos espaço e tempo para que alguém nos roube a cama, ou nos puxe o tapete. Do mesmo modo, se formos demasiado lesto a ocupar um lugar, o mais provável é perdermos o equilíbrio.